

100 anos de um marco da arquitetura

ESALQ notícias
Encarte especial

USP

Universidade de São Paulo

Suely Vilela
Reitora

Franco Maria Lajolo
Vice-Reitor



Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"

Antonio Roque Dechen
Diretor

Natal Antonio Vello
Vice-Diretor

Campus "Luiz de Queiroz"

José Otávio Brito
Prefeito

Produção editorial

Assessoria de Comunicação

Produção gráfica

Serviço de Produções Gráficas

Recentemente tombado como Patrimônio Público Estadual, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condepbaat), juntamente com todo o conjunto arquitetônico do Campus "Luiz de Queiroz", o Edifício Central da ESALQ começou a ser construído no início de 1904 e sua inauguração oficial aconteceu em 14 de maio de 1907.

Projetado em estilo neoclássico, pelo arquiteto inglês Alfred Brandford Hutching, o Edifício Central preserva sua arquitetura original e se mantém como símbolo maior da Escola até os dias de hoje, representando um marco na história e na cultura da instituição.

Como uma espécie de retorno à Renascença Clássica, o estilo neoclássico surgiu no final do século XVIII, sendo caracterizado na arquitetura por edifícios de superfícies lisas, sóbrias, maciças e decorados de modo mais conservador, facilmente identificada por seus contornos.

Como as atividades acadêmicas tiveram início na instituição em 1901, as salas de aula foram improvisadas num antigo prédio ao lado de onde seria edificada a futura sede. Com o início da construção, em 1904, este armazém passou a fazer parte do canteiro de obras, e com isso os cursos teóricos foram transferidos para uma casa na rua Voluntários de Piracicaba, nº. 777, no centro da cidade. Esta casa existe até hoje, mas o galpão foi destruído na década de 1940.

Em 1941 foram iniciadas as obras de ampliação do prédio, com a construção da cúpula, sendo concluídas no ano de 1945. Hoje, o terceiro piso abriga somente os gabinetes do diretor e do vice-diretor. A edificação tem mais de 4.800 m² de área construída em seus quatro pavimentos.

Neste caderno comemorativo ao seu centenário, a professora Marly Therezinha Germano Percin, autora do livro "Os passos do saber - A Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz", narra as origens de sua construção.



Memória e Saber Agronômico

Marly Therezinha Germano Percin

O edifício-sede da ESALQ em seu primeiro centenário

"[...] Eis a escola prática Luiz de Queiroz.

Não é uma teoria nem um sonho, mas um fato.

Está funcionando, em movimento.

É uma força poderosa no ensino agrícola da nação".

Dewit Clinton Smith (1)

A história da gloriosa ESALQ se confunde com a história do seu edifício-sede, não por mera coincidência, mas pela questão de natureza intrínseca, que o seu ex-diretor, D.C. Smith, qualifica de "força poderosa", aquela mesma que subsiste em todos os seus empreendimentos. Senão, vejamos.

Luiz Vicente de Souza Queiroz adquiriu o espaço físico destinado à Escola, a Fazenda São João da Montanha, em 1891, por 43.550\$000, para ali estabelecer o seu idealizado Agrícola College. As dificuldades financeiras e as incompreensões que sofreu por parte dos políticos no Executivo e no Legislativo do Estado

de São Paulo, levaram-no ao abandono do projeto e à frustração que o acompanhou até a morte.

O valioso patrimônio (195.000\$000), juntamente com as plantas do arquiteto inglês Alfred Blandford Hutching, inclusas num anteprojeto, o Agricultural College to be erected

at Piracicaba, San Paulo, Brazil, por força do Decreto nº. 130 de 17/11/1892 passaram ab conditio ao poder do Estado, que, aceitando a doação, concedeu ao proprietário a indenização de 50:774\$000 relativos às benfeitorias e custos de manutenção da propriedade. A prudência o levava a resguardar o compromisso do Estado de ali vir a estabelecer uma agência de educação profissional agrícola, dentro de um prazo mínimo de dez anos. Outro decreto, quase simultâneo, de nº. 216 de 18/11/1892, abria o primeiro crédito-extra para ser aplicado ao início dos trabalhos de adaptação da Fazenda São João da Montanha aos novos propósitos oficiais.

Assim terminou a primeira tentativa de implantar a escola agrônômica em Piracicaba. Mas gostamos de lembrar que o projeto nasceu de duas viagens felizes do casal Luiz Vicente de Souza Queiroz - Ermelinda Ottoni. Na primeira, logo após a Abolição, Luiz de Queiroz se deixou fascinar pelos avanços da tecnologia, subsequentes à segunda revolução industrial e os progressos da educação agrícola na Europa. Concebeu planos com vista à modernização do país. Amadurecidos estes, efetuou a segunda viagem (1891), à Europa e aos Estados Unidos para aquisição de material necessário à construção de uma usina hidrelétrica para iluminação da cidade de Piracicaba. Na mesma oportunidade, contratou junto ao arquiteto inglês Alfred Blandford Hutching um modelo geral de planta para a construção de uma escola agrônômica.

O anteprojecto citado refere-se a um grande estabelecimento destinado a sediar o colégio-internato, que viria a ser dotado da capacidade de alojar mais de uma centena de apartamentos individuais, cujas medidas eram 3,81m de largura x 4,27m de comprimento x 4,27m de altura. As unidades compunham-se de quarto e sala conjugados e eram servidas por pia de água fria, tudo no melhor estilo inglês para young land lords, os filhos dos proprietários da classe dominante em São Paulo. Os primeiros 54 apartamentos situavam-se no andar térreo e os outros 62 no andar superior. Reservavam-se inúmeras dependências utilitárias: salão da congregação, apartamento do diretor, salas de aula, oficina, laboratório, ginásio, refeitórios, banhos e serviços. O toque de grandiosidade era dado pela grande fachada de tijolos vermelhos e amarelos em estilo normando, medindo 95,70m e como elemento decorativo os arcos nas varandas que comunicavam as duas alas com o corpo central (2).

Não deve estranhar a destinação elitista do Agricultural College. No final do século XIX, ainda a classe média jazia embrionária. Um observador da época, o professor Eugene

Davenport, contratado nos Estados Unidos por Luiz de Queiroz, entre 1891-1892, para trabalhar em Piracicaba no projeto da Escola, deixou as suas impressões sobre a realidade paulista: [...] "There are two classes of people in Brazil, the rich and the poor [...] Literally there were no middle class people except the few visitors like ourselves" (3). O próprio Luiz Vicente de Souza Queiroz, era filho do Barão de Limeira, um típico representante dos aristocratas do Oeste Paulista, e presidia uma sociedade de brazilian gentlemen, quando buscou o arquiteto na Europa e assinou o contrato da planta em Paris (1891).

Após o encerramento da fase de Luiz de Queiroz, a Fazenda São João da Montanha foi incorporada provisoriamente ao Instituto Agrônômico, vindo a permanecer durante treze meses sob a direção do cientista Ernest Lehmann (1892-1893). Nesse momento, a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas se achava em fase inicial de organização e foi Jorge Tibiriçá Piratininga, agrônomo formado na escola de Hobenheim, Alemanha, e mandatário da pasta, quem contratou o engenheiro agrônomo Léon Alphonse Morimont, belga formado na famosa escola de Gembloux, para o cargo de Diretor da Fazenda São João da Montanha.

A missão era tão honrosa quanto hercúlea: conservar e promover o patrimônio, bem como elaborar um projeto de educação agrônômica para a escola a ser instalada em Piracicaba. A experiência acadêmica européia e a profissional, testadas em diversos países, permitiu-lhe elaborar uma proposta didático-pedagógica que finalizava um produto sociocultural inédito, o agrônomo, profissional formado por um sistema modular de ensino, dotado de conteúdos programáticos específicos, e treinado nas salas de aula, gabinetes, laboratório, posto zootécnico, borto e campos de experiência. O sistema modular de ensino ou das áreas de saber teórico-prático, que Morimont introduziu em seu projeto, haveria de futuramente nortear a evolução do discurso científico da Escola: Agricultura, Engenharia Rural, Ciências Naturais, Zootecnia Indústria Pastoral, Tecnologia e Administração. Uma Escola assim concebida, seria o suporte agrônômico ideal para o Estado de São Paulo que já contava com a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o Instituto Agrônômico e a Escola Politécnica, dotada de faculdade de Agronomia (4).

O documento mais importante elaborado por Morimont foi o Projeto de Organização da Escola Prática de Agricultura do Estado de São Paulo em Piracicaba, uma exposição acompanhada das plantas gráficas, relativas às edificações e áreas de cultivo. Morimont rela-

cionou os elementos constitutivos da Escola, destacando minuciosamente o colégio-internato, pois este também se destinava à sede da instituição. Tudo indica que os originais de Hutching foram repassados pelos técnicos da Secretaria, pelo engenheiro Rebouças, superintendente das Obras Públicas, assim como por Antônio By e Kurt Bacellar. O desenhista da Repartição da Agricultura, Francisco Henzler permaneceu algum tempo em Piracicaba para efeito de passar à tinta diversas plantas e fazer as fachadas do colégio-internato. O resultado foi um "[...] estilo um pouco rústico [...] visto ser uma obra no meio do campo, ainda que de certa elegância" (5).

O colégio-internato reservava os espaços necessários à administração, às instalações utilitárias (refeitórios, dormitórios para oitenta alunos, banheiros, enfermaria e serviços), às instalações de ensino (salas de aula, gabinetes, museu, laboratórios para Química e Física, salas de estudo), à sala da Congregação. Tudo muito aproximado do original inglês. Prevalcia o local escolhido por Luiz de Queiroz, a esplanada ou o grand plateau, como dizia Morimont, e o edifício a ser construído devia ocupar o centro do complexo educacional. A fachada revela as duas alas laterais ligadas por galerias ao corpo central do edifício, bem como os dois andares anteriormente previstos, constando da planta nº. 9 do Anexo de Plantas ao Projeto de Organização da Escola Prática de Agricultura, parte técnica do Relatório Morimont (6).

Uma visita do senador Manoel de Moraes Barros à fazenda determinou a última alteração na planta do conjunto educacional - a pedido daquele, a fachada principal do colégio-internato, acompanhada do jardim, devia ficar olhando para a cidade, enquanto as caixas d'água e o posto zootécnico passavam para o lado oposto. Esta inversão prevaleceu, quando se construiu a sede, em 1907.

Quando o Relatório da Fazenda São João da Montanha foi publicado, tiraram-se muitas cópias para a instrução dos deputados do Legislativo paulista, que nele se basearam para informar o projeto que resultou na Lei nº. 367, de 3/9/1895 que autorizava a criação da Escola Prática de Agricultura na Fazenda São João da Montanha em Piracicaba. Nos planos de Morimont previam-se a inauguração e o funcionamento da Escola dentro de dois anos. O Presidente do Estado, Bernardino de Campos, em final de mandato, determinou a implantação dos alicerces do edifício-sede, onde veio a assentar a pedra fundamental (1/4/1896), num ato festivo de promoção ao governo e ao Partido (PRP).

No mês seguinte mudaram o governo (Campos Sales-Peixoto Gomide) e as diretri

zes. A crise da cafeicultura exigiu redução das despesas, o projeto foi desativado, dispensando-se o engenheiro da direção dos trabalhos. O mato afogou os alicerces e as construções, o posto meteorológico foi destruído e a fazenda praticamente abandonada, por quase quatro anos, perdendo-se o magnífico projeto.

Mas foi a própria crise da cafeicultura que motivou o governo paulista a buscar na policultura a alternativa para novos mercados e na agricultura racional (ou científica) a saída para a prosperidade - "a salvação estava na lavoura" -, diziam os ruralistas, querendo com isso enfatizar que chegara a hora do redimensionamento das forças produtivas do país. A partir de 1900, os governos voltaram a investir no projeto de Escola Prática de Agricultura e a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas reavaliou a legislação que se criara sobre o ensino agrícola, escoimou-a e atribuiu-lhe novo Regulamento, contido no Decreto de nº. 683-A de 29/12/1900.

A saída inovadora advinha da Ciência e do novo profissional da lavoura, o agrônomo prático, produto de uma agência de saber institucionalizada pelo Estado. Houve pressa em inaugurar a Escola e quase tudo se fez com base na improvisação e na dedicação missionária dos seus primeiros mestres. Sem bancos e carteiras adequados, sem material de laboratório, sem recursos, a meio da crise econômica e do furacão político que se abateu sobre o Oeste Paulista, a Dissidência do PRP. Por falta de sede, a Escola foi instalada no antigo edifício construído pelo engenheiro Morimont, originalmente destinado a servir de armazém geral, como se pode observar na Planta Geral nº. 4 do Anexo de Plantas do Projeto de Escola Prática de Agricultura, Relatório Técnico, 1895 (7). Começo humilde que só realça a grandeza da ESALQ.

A sede? Um armazém de 68,40m de comprimento por 10 de largura, dividido internamente em 16 espaços (8). Próximo, os alicerces de pedra de dois metros de altura, levantados em 1896 por Morimont e destinados ao colégio-internato, chamaram a atenção do jornalista do Correio Paulistano, que fazia a cobertura da inauguração da Escola. Tais alicerces evidenciavam um edifício de grandes proporções, cerca de 96m de frente por 25m de largura nos pavilhões laterais e 14m na parte central (9).

A Escola resistiu bravamente contra todos os prognósticos negativos e não fechou as portas do conhecimento agrônomo. A intervenção salvadora ocorreu sob o novo governo (1/5/1904), presidido pelo agrônomo Jorge Tibiriçá Piratininga, assessorado pelo médico piracicabano Carlos José de Arruda Botelho na Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Iniciou-

se a fase promissora das contratações no exterior, da divulgação do curso e das construções, inclusive do colégio-internato e sede.

Como o campus se convertesse num cantiço de obras, Carlos Botelho esclarecia "[...] provisoriamente serão instalados na cidade de Piracicaba os cursos teóricos, em prédio para isso há pouco contratado" (10). Ao término de 1906, a visão do complexo educacional compreendia a sede monumental do colégio-internato, as obras do parque projetado por Arsène Puttemans, oficinas, residências, casa de máquinas, posto zootécnico. Marcada a reinauguração da Escola para 14/05/1907, a imprensa paulista deu cobertura ao evento que também veio a ser prestigiado pela elite pensante do país. Na edição daquele dia colhe-se a legenda: "[...] naquela formosa cidade ocorreu uma festa da mais alta significação, uma festa de civilização e de progresso" (11). Por sua vez, o edifício do colégio-internato e sede administrativa despertava inusitada admiração: "[...] desafia o confronto com os congêneres da Europa" (12).

Para os que acompanham este roteiro é fácil distinguir os traços do projeto Morimont sobre a planta do arquiteto Hutching. Carlos Botelho esclarecia: "[...] As modificações sobre o antigo projeto não foram grandes; os alicerces já lançados impunham a construção anterior" (13). O reconhecimento daqueles trabalhos não isenta o mérito dos técnicos da Diretoria de Obras Públicas (DOP) do Estado de São Paulo, do projetista José Van Humbeeck, que introduziu modificações na fachada desenhada em 1895 e na distribuição interior dos espaços, dos arquitetos Washington de Aguiar e Henrique Ribeiro que responderam pelo produto final.

A descrição desse edifício é feita com base nas fontes da época: "[...] à entrada, um vestíbulo com recepção, havendo à esquerda um laboratório e à direita a portaria, a secretaria e a diretoria. Todo o edifício era cortado por uma vasta galeria, ligando as duas alas laterais. No piso inferior ficavam a cozinha, a copa e as dependências utilitárias (banheiro e enfermaria), os salões de aula, o maior para o primeiro grau e o menor para o segundo grau, laboratórios, gabinetes, sala de estudos, salão de desenho topográfico e contabilidade. Uma varanda junto à fachada interligava os três corpos do edifício. No piso superior, acessado por várias escadas destacavam-se: o pavilhão central ao lado de luxuosa sala para a realização de solenidades e para as sessões da congregação. À direita, o museu, a sacada e a biblioteca. Nos dois corpos laterais dispunham-se os alojamentos e várias dependências. Longos corredores interligavam os três corpos do edifício" (14).

À beleza arquitetônica adjudicava-se a cenografia natural. Nas impressões do antigo professor e ex-Diretor, Dr. Ernesto Ferreira de Carvalho: "[...] a vista abraça dilatados horizontes [...] destacando-se do fundo azul de longínquas montanhas, o risonho panorama da cidade" (15). O colégio-sede tornara-se o centro de um complexo educacional, articulando-se com os espaços reservados da Fazenda Modelo, com o horto, o parque, o posto zootécnico e todas as demais edificações, inclusive as residências e a moradia do Diretor da Escola, situada na esplanada reservada aos exercícios físicos. O edifício onde fora inaugurada a Escola (1901), voltava à condição de armazém para oficinas e depósito de utilitários. Quatro décadas após, o edifício-sede foi submetido a colossal reforma que lhe deu a configuração atual e o velho armazém foi demolido, construindo-se em seu lugar o pequeno lago, como preito à sua memória.

Mas, naquele 14 de maio do ano de 1907, um século atrás, o futuro ainda não existia e o presente acabava de nascer. Tudo não passava de intenções, mesmo as palavras de grande sensibilidade e visionário alcance do seu Diretor, o médico Dr. Francisco Dias Martins: "[...] Daqui partirá a idéia diretora da agricultura do Estado [...], daqui partirá o movimento inteligente, preparando o homem para saber aproveitar as forças naturais..." (16).

Notas

- (1) Dewit Clinton Smith in "These IV", Primeiro Congresso de Ensino Agrícola 1911, São Paulo, p.135.
- (2) Marly T.G. Perecin. Os Passos do Saber. A Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, p.115-116.
- (3) Eugene Davenport Papers, page 19tn, University of Illinois Archives, Box 4.
- (4) Marly T.G. Perecin, op. cit., p.163-164.
- (5) Correspondência de Morimont, carta ao engenheiro Rebouças (11/2/1892). Museu da ESALQ.
- (6) Marly T. Perecin, op. cit., p.158.
- (7) Idem, p.160.
- (8) Idem, p.306.
- (9) Correio Paulistano, ed de 4/6/1901.
- (10) Relatório do Secretário dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1905, DAESP.
- (11) OESP, edição de 15/5/1907.
- (12) Idem.
- (13) Idem.
- (14) Idem.
- (15) Dr. Ricardo Ernesto de Carvalho, in ESALQ 75 (1901-1976). 75 Anos a Serviço da Pátria, p. 83.
- (16) OESP, edição de 16/5/1907.



Marly Therezinha Germano Perecin

Doutora em História Social do Brasil (USP), possui trabalhos publicados no campo da História e da Literatura